



A representação da cidade no romance *Eles eram muitos cavalos*

Elenildo Saldanha Damasceno*

Resumo: O artigo trata sobre a representação da cidade no romance contemporâneo *Eles eram muitos cavalos*, do escritor mineiro Luiz Ruffato. Analisa as representações dos sujeitos humanos da modernidade no espaço-mundo da megalópole São Paulo, durante o transcorrer de um único dia. O imaginário do espaço urbano apresentado no romance retrata a dissolução dos sujeitos, deslocados e exilados na massificação promovida pela civilização urbana capitalista moderna. Através do universo diegético apresentado, o cotidiano, as personagens e a cidade de São Paulo tornam-se espelhos das almas de homens e da alma do mundo moderno, um mundo desencantado e sem sentido.

Palavras-chave: Modernidade; literatura; romance; cidade; Luiz Ruffato

Abstract: The article discusses the representation of the city in the contemporary novel *They were many horses*, of the writer Luiz Ruffato. It analyzes the representations of the human subjects of modernity in the space-world of the megalopolis São Paulo, during the course of a single day. The imaginary urban space presented in the novel portrays the dissolution of the subjects, displaced and exiled in mass promoted by modern capitalist urban civilization. Through the diegetic universe presented, the everyday life, the characters and the city of São Paulo become mirrors of the souls of men and of the soul of the modern world, a disenchanting world and meaningless.

Keywords: Modernity; literature; novel; city; Luiz Ruffato

Ó Senhor, eu... humilde servo... que nada sou, Senhor... pó que o simples sopro do vento aniquila... lhe peço... imploro... olhe pelos irmãos que sofrem nesse momento, Senhor... por aqueles que desesperados sobem ao último andar dos edifícios... por aqueles que sem esperança se refugiam na solidão... por aqueles que sem forças escravizam-se nas drogas... por aqueles que desempregados sucumbem... à tentação... por aqueles que perderam tudo... por aqueles que nunca tiveram nada... por aqueles invisíveis porque anônimos. Senhor, Senhor: livra-nos da guerra... que existe... dentro... dentro... dentro de... cada..."

Luiz Ruffato

1 A intergenericidade e a representação da cidade como elementos composicionais no romance *Eles eram muitos cavalos*

O romance *Eles eram muitos cavalos*, do escritor mineiro Luiz Ruffato, destaca-se por seu arranjo formal, elaborado através de um processo de intergenericidade. O romance assemelha-se a uma coletânea de contos. Vários de seus capítulos-cenas constituem contos

* Mestre em Estudos de Literatura - Literatura Brasileira (UFRGS).

perfeitos, construídos com unidade de tensão e conflito, linguagem condensada e representações de espaço e de tempo restritos.

Ruffato apropria-se também de elementos do trágico, ao representar, no tempo restrito de um dia (de uma revolução ou ciclo do sol), a ascensão, o apogeu e a decadência da *polis*, através da *mimese* ou imitação de ações que revelam a *hybris*, a desmedida humana da vida moderna e suscita, nos leitores, *catarse* por sentimentos de autorreconhecimento, terror e piedade.

O romance apresenta influências das narrativas cinematográficas, através dos pontos de vista perscrutadores e detalhistas de narradores de tipologia “eu câmera”, mediante *zooms*, panoramas, recuos e avanços no espaço da memória, plasticidade e agilidade cênicas e sinestesia de luzes, sons e movimentos.

Nas narrativas, apresentadas em primeira ou terceira pessoa e sempre na perspectiva das personagens, o texto aproxima-se do gênero lírico, pela expressão profunda da subjetividade e pelo elaborado trabalho com a linguagem em prosa poética.

Aproxima-se também do gênero crônica, ao propor a reflexão sobre a realidade social a partir de situações cotidianas e a elevação estética da matéria dispersa do dia-a-dia, mesclar gêneros e modos narrativos e empregar linguagem coloquial.

Por fim, destaca-se ainda a intergenericidade entre romance e gêneros textuais não-literários, muitos deles associados ao suporte jornal, como o boletim meteorológico, tópicos de seção de curiosidades, anúncios religiosos, horóscopo, anúncios de empregos em cadernos de classificados, anúncios de acompanhantes sexuais e de busca de relacionamentos afetivos, além de outros gêneros não-midiáticos como certificado, lista de livros, carta pessoal, cardápio.

A classificação da obra como romance produz certo estranhamento, pois foge aos padrões formais esperados pela média dos leitores. Contudo, como representação e visão abrangente da condição humana através da apresentação de diferentes núcleos de tensão interligados por um núcleo de tensão central – a tensão entre as almas humanas e a alma do mundo moderno -, *Eles eram muitos cavalos* desponta como um dos melhores romances brasileiros deste início de século, em que se destacam duas personagens principais: a multidão (a alma dos homens) e a cidade de São Paulo (como alma do mundo).

A metrópole São Paulo, a grande cidade de pedra da América do Sul, é reconstruída como “cidade de pensamento” nessa obra de Ruffato. Através da análise do romance, este artigo propõe o estudo de elementos culturais da modernidade urbana e o estudo das almas

dos homens e do mundo, mediante a reflexão sobre a representação literária dessa “cidade de pensamento”. Almeja observar

[...] mais especialmente as representações literárias construídas sobre a cidade. Tal procedimento implica pensar a literatura como uma leitura específica do urbano, capaz de conferir sentidos e resgatar sensibilidades aos cenários citadinos, às suas ruas e formas arquitetônicas, aos seus personagens e às sociabilidades que nesse espaço têm lugar. Há, pois, uma realidade material – da cidade construída pelos homens, que traz as marcas da ação social. É o que chamamos cidade de pedra, erguida, criada e recriada através dos tempos, derrubada e transformada em sua forma e traçado.

Sobre tal cidade, ou em tal cidade, se exercita o olhar literário, que sonha e reconstrói a materialidade da pedra sob a forma de um texto. O escritor, como espectador privilegiado do social, exerce sua sensibilidade para criar uma cidade do pensamento, traduzida em palavras e figurações mentais imagéticas do espaço urbano e de seus autores.

[...] A literatura, ao ‘dizer a cidade’, condensa a experiência do vivido na expressão de uma sensibilidade feita texto.

(PESAVENTO, 1999, p.10)

2 Madrugada

A narrativa inicia com a fixação de uma data de referência na vida da personagem-cidade São Paulo: 9 de maio de 2000, uma terça-feira.

São Paulo apresenta-se como um mistério a ser desvendado, a partir de um mosaico de cenas e situações cotidianas que envolvem variadas personagens, as quais constituem uma espécie de amostragem da diversidade humana que vive e sobrevive na grande metrópole. Misturados anonimamente à multidão, essas personagens agem e reagem aos influxos e tensões da agitada vida cotidiana moderna urbana, no ritmo pulsante de uma das maiores cidades do mundo. Como células desse complexo organismo que é a metrópole, movimentam-se incessantemente, imperceptíveis na totalidade do conjunto. Na gigantesca cidade-corpo, as personagens-pessoas tornam-se seres mínimos e insignificantes.

São Paulo é insone e não pára. *A caminho*¹ de um novo dia, o proprietário do automóvel importado ruma velozmente para o aeroporto de Cumbica. Como um avião, carro e pensamento também voam. A modernidade transforma pessoas em coisas. O desejo erótico satisfaz-se na posse do carro e da mulher. A ascensão profissional e social também se desloca, velozmente, na direção da degradação moral e da ruína das relações afetivas.

Vidas anônimas entrecruzam-se. O motorista do automóvel nem percebe os pedestres que perambulam à margem da avenida, trabalhadores acostumados a uma rotina que já sabem *De cor*. Na madrugada escura, os faróis lançam luz sobre a desigualdade social. O menino que

¹ A partir desse ponto, algumas palavras ou expressões destacadas em itálico correspondem à sequência de títulos dos capítulos do romance *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato.

abandonou a escola para vender cachorro-quente na frente da fábrica em que o pai trabalha, planeja “Quando crescer, perder-se Brasil afora, sonha, caminhoneiro. [...] Vira-se, mira o letreiro do ônibus que passa velozmente, “Garanhuns”, fala” (p.16)².

Nesse ônibus, a velha *Mãe* enfrenta a desgastante viagem entre o sertão pernambucano e a megalópole. Desafia a distância geográfica e o distanciamento humano. Vai ao encontro do filho ausente, a quem tenta justificar: “o filho esperando *Tantos anos!* Ganhar a vida em Sampaolo” (p.19). Chegará à metrópole, mas persistirá a sensação incômoda de deslocamento, o desconforto de se sentir desconectada do corpo dessa cidade. Adentrará seus labirintos sob o mesmo risco de Teseu, de perder-se num caminho sem volta, e sob o mesmo risco do *flâneur* baudelaireano, de transformar-se, pouco a pouco, em mais uma pessoa na massa humana, de diluir-se na multidão e tornar-se outro ser anônimo na cidade moderna.

Enquanto essa mãe desembarca na rodoviária com a expectativa do reencontro, outra mãe desalentada vela o cadáver do filho. A madrugada encerra com a dor que obscurece a esperança do novo dia. A morte interrompe a aurora de uma vida, pois ele *Era um garoto*. Sua morte prematura perturba e angustia, pois escancara a fragilidade da vida humana. Na cidade moderna, a falta de sentido da vida revela-se a partir da consciência sobre a precariedade de cada vida: “meu deus por quê ele foi fazer isso meu deus por quê” (p.23).

3 Alvorada

Os primeiros raios de sol iluminam a pobreza e os rastros de violência espalhados pela cidade. “A claridade envergonhada da manhã penetra desajeitada pelo teto de folhas de zinco esburacadas, pelos rombos nas paredes de outdoors. Mas, é noturno ainda o barraco” (p.23) e permanecerá noturno, entenebrecido pela miséria, pela desagregação, pela promiscuidade e pela violência. Nesse barraco, crianças dividem espaço com insetos e roedores. Como *Ratos*, vivem de restos da sociedade. A vida humana é reduzida à esfera da vida animal. Assim como esse grupo de seres humanos assemelha-se a um ajuntamento de animais repugnantes, o bando de insetos e roedores que infestam o barraco adquire uma espécie de realidade humana. Como em um romance naturalista, “Aqui a animalização aparece como redução voluntária ao natural, ao elementar comum, que nivela o homem ao bicho” (CANDIDO, 2004, p.123).

² Os excertos de *Eles eram muitos cavalos* apresentados neste artigo relacionam-se à edição do romance publicada em 2007, pela editora Record. Os trechos inseridos no próprio texto, ou seja, que não estão em destaque, serão acompanhados apenas pela indicação da página. Nesses casos, a referência bibliográfica será dispensada, para não se tornar repetitiva.

Noutro ponto da cidade, um casal prepara-se para um novo dia de trabalho. A narrativa concentra-se nos aspectos e detalhes do cotidiano miúdo, nas ações banais e corriqueiras que revelam vidas medíocres e sem sentido. Oprimida pela rotina cotidiana, ela explode e revela *O que quer uma mulher*. Seu desabafo denuncia a cidade como cárcere de indivíduos isolados e demonstra o desespero daqueles que adquirem consciência sobre a falta de sentido de suas vidas e a dificuldade em conviver com aqueles que não têm e nunca terão tal consciência. Ao criticar o marido, esse outro tão próximo e ao mesmo tempo tão distante, critica aquilo que é reflexo dela mesma. O outro se torna um espelho diante do qual ela se reconhece: “*você não vê o futuro meu amor porque você não tem futuro*” (p.28). A cidade moderna é um imenso palco de conflitos, de violência e de exclusão, onde se encenam

[...] as crises e os conflitos de sujeitos sociais cindidos, fragmentados, sem raízes, à deriva, muitas vezes anônimos e expostos à violência de uma vida cotidiana burocrática e impessoal, que parece ir muito além de qualquer entendimento e controle humanos. Alheios a si mesmos e distanciados do mundo urbano que não reconhecem como seu, mas como algo separado, estranho e hostil, esses sujeitos sociais certamente viveram, e continuam vivendo, formas diversas do que podemos muito bem chamar *mal-estar na metrópole moderna e contemporânea* [...].

Acrescente-se que esse mal-estar acompanha, desde sempre, a formação e a expansão das sociedades urbanas e industriais criadas pelo capitalismo. É recorrente a reação ao mundo urbano como violência, ruptura de raízes, alienação, impessoalidade, empobrecimento da experiência e dos vínculos culturais, afetivos e familiares, daí derivando a imagem da metrópole como mundo desencantado e sem coração, [...] onde prosperam a perda de sentido e de humanidade.

(BUENO, 2000, p.89-90)

O sol nasce e revela a violência que, costumeiramente, amanhece estampada nas manchetes dos jornais. Possivelmente, os três cadáveres da *Chacina n° 41* serão notícia em algum periódico do dia seguinte. Cadáveres cobertos por jornais, cadáveres que se tornam mercadoria, cadáveres que vendem jornal.

4 Manhã

Os alunos da escola do subúrbio deparam-se com as marcas da violência geradas pela delinquência e pela drogadição: vômito, sangue, urina, paredes pichadas com fezes. Desolados diante da depredação do espaço de ensino e aprendizagem pela força irracional da violência, lamentam todo o trabalho destruído, choram ao encontrarem a hortinha escolar pisoteada: *Natureza-morta*.

Um índio completamente bêbado está deitado numa calçada. A marginalização étnica e a exclusão social fazem parte da cidade moderna. Também num processo de animalização humana, o indígena age como um cão de guarda. Perdido na cidade, perdido para sempre num

entrelugar, nunca se integrará ao mundo urbano e já não mais poderá se reintegrar à realidade do lugar de onde veio.

Nessa manhã, *Fran* aguarda, ansiosa, o telefonema de um suposto empresário do ramo artístico. Fran é vítima da vaidade e da indústria de mercantilização do corpo feminino. Escrava da aparência e da anorexia regada a uísque, habituou-se ao pouco com que seu corpo se alimenta e com o pouco que alimenta sua alma: terapia de vidas passadas, numerologia e *As sete leis espirituais do sucesso*, de Deepak Chopra.

Do alto de um helicóptero e de sua posição social, o empresário quatrocentão apresenta sua visão preconceituosa e depreciativa sobre a unidade entre as almas dos homens, o povo, e a alma do mundo, a cidade: “a barra cinza do horizonte (podre o ar) [...] o rio (podres, as águas) [...] *o centro da cidade hordas de camelôs batedores de carteira homens-sanduíche cheiro de urina cheiro de óleo saturado*” (p.39). O olhar panorâmico sobre São Paulo representa, *assim*., o desprezo da elite corrupta sobre a cidade e a multidão. São Paulo torna-se metonímia simbólica do país: “(podre, esse país) *precisaríamos reinventar uma civilização*” (p.40).

Lá embaixo, no meio dessa multidão, o rapaz dirige-se ao endereço onde participará de uma entrevista para tentar conseguir um emprego. Na calçada diante do prédio, a ideia d’*A espera* na fila de concorrentes o faz desistir. À espera do filho, novamente a esperança da mãe transformar-se-á em frustração.

Brabeza é outro desses jovens. Como é a semana do Dia das mães, planeja um assalto para arranjar dinheiro. Assim, poderá comprar um presente para sua mãe. A violência desponta, novamente, como circunstância do cotidiano urbano e como alternativa diante da falta de perspectivas e da humilhação impostas pela desigualdade social e pelo impiedoso apelo consumista atizado pela mídia.

A dissolução das fronteiras sociais promovida pela disseminação da violência e da criminalidade também é apresentada pelo narrador que mora em um prédio de classe alta e que, ao refletir sobre o assassinato do vizinho, pensa que *Nós poderíamos ter sido grandes amigos*. A banalização da vida torna-se explícita através da frieza com que o narrador-personagem estabelece uma comparação de igualdade de valor entre a vida e o automóvel da vítima.

Hoje soube que ele não vai mais voltar para casa.

Ele foi vítima de um seqüestro-relâmpago.

Os bandidos pegaram ele, parece, na Avenida República do Líbano, roubaram os documentos, cheques, cartões de débito e de crédito.

Depois, numa quebrada escura lá para os lados da Represa de Guarapiranga, puseram ele de joelhos, deram um tiro na nuca.

O corpo foi encontrado hoje de manhã.
O carro ainda não.
(RUFFATO, 2007, p.49)

5 Almoço

Para *ele*), o almoço resume-se a um xis-salada na lanchonete da esquina. Escriturário, passa o dia trancafiado numa sala minúscula e, apenas no horário do almoço, percebe como está o dia. Migrante do Piauí, tem “vontade de mandar tudo à, a mensalidade do curso de informática, as prestações do aparelho-de-dentes, o presentinho para o Dia das Mães, o cedê prometido à irmã-caçula” (p.51).

Já (*ela*, jovem como *ele*), vê no casamento a melhor alternativa para um destino “afastado de onde barra-pesada mora, casas tristes barracos, mortos da segunda-feira oblíquos no asfalto, estupros aos sábados, roubos da terça, da quarta” (p.52). Enquanto come pão com carne e beberica o quissuco vermelho e gratuito servido num copo de plástico, (*ela* sonha com *ele*), que não sonha com nada.

Se meia hora antes *Chegasse o cliente* à frente do restaurante, deparar-se-ia com dois corpos humanos recolhidos dentro de sacos de estopa, cadáveres de dois serventes que limpavam vidros espelhados e que despencaram de um estrado de madeira podre sustentado por finas cordas. Se dez minutos antes chegasse o cliente à entrada do restaurante, deparar-se-ia com outros dois trabalhadores e as cores vivas de “um balde amarelo de plástico cheio de água azulada de sabão em pó e uma vassoura de pêlo sintético amarelo e dois faxineiros rapidamente lavaram o cimento esburacado o vermelho escoou para a sarjeta” (p.52-53). O romance revela a desigualdade social, a banalização da morte, a descartabilidade da vida humana e a priorização do lucro na sociedade capitalista alicerçada na divisão de classes, na concentração de riquezas e na exploração ilícita e opressiva do trabalho humano.

Pelo telefone, a esposa traída ofende a amante do marido. A ruína das relações familiares e afetivas desestrutura o indivíduo que luta, da maneira mais desesperada, por algo que perdeu, por sentimentos que não existem mais.

Enquanto isso, o pai pobre e negro abdica do horário e do dinheiro para o almoço e vai ao supermercado comprar *Fraldas* descartáveis. Preconceitos racial e social explícitos são revelados através da construção especular representativa da dimensão do duplo, no instante em que “O segurança, negro agigantado, espadaúdo, impecável dentro do terno preto, abordou discretamente o negro franzino, ossudo, camisa de malha branca surrada calça jeans imundo

tênis de solado gasto” (p.57-58). O jovem pai é humilhado, espancado e expulso do estabelecimento comercial.

O outro é um espelho. Cada indivíduo se reconhece, se constrói e se reconstitui a partir dessa relação dupla de espelhamento com e no outro. Esse espelhamento, que faz cada um deparar-se consigo mesmo, gera estranheza, tensões e constrangimentos. O individualismo moderno dificulta a possibilidade do ser humano ver o outro e ver-se no outro. No confronto entre esses outros que são um só, entre dois homens negros que representam a mesma exclusão, a heterogeneidade dos sujeitos se torna visível pelo campo discursivo de conflito ideológico permeado pelas relações de poder. A afirmação e a negação da própria identidade são validadas pela depreciação do outro. Nas relações de alteridade na cidade moderna, o outro é um espelho... estilhaçado.

Uma narrativa central do romance ocorre no meio de uma multidão de pessoas, na Praça da Sé, debaixo do sol do meio-dia. No momento mais iluminado do dia, *O evangelista* prega a salvação em Jesus e testemunha sobre como sua vida foi transformada a partir da fé. O pregador evangélico é tratado com indiferença e desprezo pelos pedestres apressados e pelas figuras “que salpicam os degraus da Catedral desempregados, bêbados, mendigos, drogados, meninos cheirando cola, fumando crack, batedores de carteira, batedores de celular, batedores de cabeça, aposentados, velhacos” (p.60). O crente, que chega com “o olhar simples dos que carregam nos bolsos verdades, como balas” (p.60), representa e anuncia a fé como uma perspectiva de transformação e redenção. Ele ora pela multidão e pela cidade.

“Olho em volta... O que vejo?”, *O que vejo?* “Vejo o sofrimento daqueles desenganados pela vida. Vejo a dor dos que já não vêem mais saída para seus problemas. Vejo a desilusão dos que não têm passado... nem presente... nem futuro...” [...] “Irmãos!”, tropeja, de joelhos, braços estirados para a grimpada das árvores, grunhidos de um helicóptero, a mão direita brande a Bíblia, no rosto crispado para o Altíssimo os olhos franzidos, sol do meio-dia, “Irmãos! Elevem o pensamento aos Céus... orem comigo... irmãos! Ó Senhor, eu... humilde servo... que nada sou, Senhor... pó que o simples sopro do vento aniquila... lhe peço... imploro... olhe pelos irmãos que sofrem nesse momento, senhor... por aqueles que desesperados sobem ao último andar dos edifícios... por aqueles que sem esperança se refugiam na solidão... por aqueles que sem forças escravizam-se nas drogas... por aqueles que desempregados sucumbem... à tentação... por aqueles que perderam tudo... por aqueles que nunca tiveram nada... por aqueles invisíveis porque anônimos. Senhor, Senhor: livra-nos da guerra... que existe... dentro... dentro... dentro de... cada...” e as palavras engastam-se nos dentes.
(RUFFATO, 2007, p.62-63)

Em *A teoria do romance*, Lukács (2000, p.89) enuncia que o “romance é a epopéia do mundo abandonado por deus; a psicologia do herói romanesco é demoníaca”, pois ele é um ser de natureza ambígua e incompleta, nem divina e nem humana. O herói do romance e da modernidade ultrapassa os limites da natureza humana e procura transcendência onde não há mais transcendência. O evangelista é esse herói romanesco de psicologia demoníaca, que

busca transcendência onde não há, na cidade e na multidão. Diante da indiferença e do desprezo das outras pessoas às suas palavras, súbito “descortina-se então o mundo abandonado por deus como falta de substância” (LUKÁCS, 2000, p.92) ou, então, descortina-se o mundo que abandonou Deus. Assim, nessa cena do evangelista ao sol fervilhante do meio-dia na tumultuada Praça da Sé,

[...] ele próprio é somente o centro luminoso ao redor do qual gira esse desdobramento, o ponto intrinsecamente mais imóvel do movimento rítmico do mundo. Ora, a passividade do herói romanesco não é uma necessidade formal, antes define a relação do herói com sua alma e sua relação com o mundo circundante.
(LUKÁCS, 2000, p.91-92)

Nesse momento em que é o centro luminoso do romance, o ponto imóvel do movimento rítmico da cidade e da multidão, a personagem representa a unidade entre a alma do homem e a alma do mundo circundante, através da oração.

Também no horário de almoço, um homem e seu filho vão a uma lanchonete McDonald's para comemorarem o aniversário do menino. A desigualdade social e a criminalidade são expostas nessa narrativa, que apresenta o advogado que enriqueceu através de atividades ilegais no *Negócio* de contrabando de armas. O menino de doze anos, criado num padrão de vida consumista, quer ganhar uma guitarra ou um kart de presente.

Em contraponto a essa infância alienada e consumista, *O Paraíso* revela a exploração da pedofilia infantil. O passado de violência e de carências no abandono das ruas é uma fotografia impressa na memória do menino que se prostitui e que é mantido trancafiado no apartamento de um estrangeiro alemão, à espera de clientes para relações sexuais. Ali, n'*O Paraíso*, o menino agora tem acesso a colchonete, lençóis limpos, cobertor e travesseiros, televisão, aparelho de som, rádio e, principalmente, água e comida. “E se mais não come, culpa tem o jejuar antepassado, cola na parede do estômago” (p.67). O menino, vendido como novidade e mercadoria, pensa numa maneira de fugir.

Após o almoço, *O velho contínuo* lava as mãos no banheiro público fétido. A exploração humana, retratada anteriormente na infância, é rerepresentada agora como uma conjuntura constante, até a velhice. Não há perspectivas de uma existência mais tranquila e plena nem ao final da vida. Na cidade e na sociedade modernas, ou se é útil ou se é descartável. Ele precisa trabalhar e “Então o velho contínuo [...] saiu do banheiro, olhos chãos, o rio morto, os carros indiferentes, os prédios futuristas, a cortina escura do horizonte, *a velha, coitada*” (p.68).

6 Tarde

Violência, desagregação familiar e exploração do idoso são novamente retratadas na narrativa sobre o velho que vive de favor num apartamento de um conjunto habitacional popular, junto à filha desquitada e dois netos. A aposentadoria de um salário mínimo do idoso é repassada para a filha e “[e]ntão, o velho, que se sabe um estorvo, alivia-se por ainda poder servir para pelo menos alguma coisa” (p.72). Mesmo útil, sofre humilhações. Cansado dessa situação, busca uma bengala para sua vida miserável no espiritismo. Busca “algum livro, um que falasse como é a vida depois da morte” (p.74), pois *A vida antes da morte* tornou-se insuportável.

Aquela mulher é um retrato da desigualdade social, da desagregação familiar e da miséria humana que passam despercebidas no dia-a-dia da cidade moderna. A pobre indigente “que se arrasta espantilha por ruavenidas do Morumbi” (p.74) imunda, machucada, esgotada e insana,

não era assim
não
não era
:
virou assim um dia
(RUFFATO, 2007, p.75)

Ficou assim desde o dia em que a filha de onze anos desapareceu. Procurou-a em delegacias, hospitais, FEBEMs, pronto-socorros, IMLs, ruas. Um dia, de um orelhão, a filha ligou. Nada falou. Apenas chorou. Nesse dia, aquela mulher enlouqueceu. A perda de alguém que se ama é também uma perda da própria vida. Aquela mulher retrata os que se perderam no mundo moderno, que vivem sem rumo, sem memória, sem história, sem razão. Também para eles, a cidade moderna é um desdobramento do labirinto mitológico. O imaginário da experiência humana na cidade reconstitui metáforas de perdas, de solidão e de rumos indefinidos que atordoam, se entrecruzam e não levam a outro lugar ou a lugar algum. Nos labirintos da cidade, assim como nos labirintos de sua própria alma, o homem moderno também se sente perdido.

Um dos divãs em que a alma do homem e a alma do mundo revelam-se é a representação da cidade no romance moderno. A literatura não abrange a totalidade da expressão do humano no mundo e não é mimese plena da realidade, mas sim criação humana de um universo autônomo, um trabalho retórico, estilístico, estético e ideológico. Todavia, como fruto da criação do homem, revela a *psique* humana e se torna parte do sistema de

relações sociais do homem com o mundo. Assim, entre as possibilidades de compreensão da alma humana no mundo moderno encontram-se os textos literários e seus “discursos e imagens que falam de uma cidade, caminho este que lidaria com os imaginários sociais que os homens, ao longo de sua história, puderam construir sobre a cidade” (PESAVENTO, 1999, p.8).

Que *Tudo acaba* é a constatação do homem que observa o teto do apartamento e o imagina em ruínas, com infiltrações e rachaduras, o prédio condenado e evacuado, tomado por mendigos e drogados. A representação do teto como motivador da revelação da *psique*, da alma do homem, é um dado fundamental nessa narrativa.

O que estão dizendo esses tetos? O que estão falando sobre nosso interior *psíquico*? Se olhar para cima é aquele gesto de aspiração e orientação rumo a uma ordem mais elevada do cosmo, uma imaginação se abrindo em direção às estrelas, nossos tetos refletem uma visão extremamente secular – estreita, utilitária, e anti-estética. Nossas cabeças encontram e se abrem para um espaço branco, caótico e sem sentido.

Devemos lembrar aqui que a renovação do espírito acontece sempre dentro de um espaço fechado, debaixo de algum tipo de teto [...] e assim o homem interior, a alma, recebia uma vitalidade renovada. O teto, de fato, referia-se ao céu [...].

(HILLMAN, 1993, p.45)

A imaginação da ruína do teto e do ambiente retrata a ruína do próprio sujeito, das relações afetivas, dos sentidos construídos na vida moderna. Retrata “a relação entre o interior interno de nossas vidas e o interior dentro dos lugares onde vivemos” (HILLMAN, 1993, p.43) em uma condição caótica e sem perspectivas. A projeção da destruição do apartamento e do prédio sobre o bairro, a cidade, o planeta, o universo, é reconhecimento e pressentimento de destruição da própria vida.

e nada nada disso restará nada o bairro se transformará em lugar ermo [...] e tudo terá sido em vão são paulo inteira decadência e todos a abandonarão e uma cidade-fantasma como as dos filmes de faroeste [...]

para que

tudo

se daqui a alguns milhares de anos a terra sucumbirá numa hecatombe deixará de girar fria inerte

e o sol se consumirá bola de hélio que devora o próprio estômago

para que

se tudo acaba

tudo

tudo se perde num átimo

o sujeito no farol se assusta

atira

e o cara sangrando sobre o volante o carro ligado

o povo puto atrás dele

ele

atrapalhando o trânsito

e o povo puto atrás dele

buzinando

buzinando

puto atrás dele

(RUFFATO, 2000, p.77)

A vida não é uma *Festa*. Degradação física e miséria humana, frustrações, traições, desespero e abandono são representados na narrativa sobre Idalina que, às cinco da tarde, chega ao quarto miserável em que uma antiga amiga de infância e ex-colega de um curso de maquiagem no SENAC definha, contaminada com o vírus da AIDS pelo marido adúltero. Abandonada por familiares e amigos, ela conta apenas com a compaixão de Idalina, que maquia o rosto já cadavérico da mulher e assim, “aos poucos a amiga, tão vaidosa, abduz dos doze anos a alegria menina que sonhava casar e ser médica “para ajudar os semelhantes” ” (p.81).

Berman (1986, p.168) observa que “a modernização da cidade simultaneamente inspira e força a modernização da alma dos seus cidadãos”. A cidade moderna é a alma do mundo, mas “hoje não só a alma do homem, mas principalmente a alma do mundo está doente” (BARCELLOS, p.1993, p.7). Assim como as patologias do corpo e da alma são efeitos das relações do indivíduo com o mundo lá fora, os “distúrbios do mundo são produzidos pelo homem – representações e projeções da subjetividade humana. [...] Não podemos inocular a alma individual, nem isolá-la da enfermidade da alma do mundo” (HILLMAN, 1993, p.13).

A menina é um oásis de esperança na representação da cidade desumanizadora do romance. A dignidade na pobreza, o esforço na manutenção dos laços familiares e afetivos e a preservação da infância são representados na história da menina e da família cujas vidas são movidas por um milagre, pela fé e pela verdadeira gratidão a Deus. Novamente a fé apresenta-se como perspectiva de redenção e de libertação da opressão. O casal teve dificuldades para gerar um filho, mas “afinal, veio a menina, setemezinha, encorpou na incubadora, linda, inteligente, amorosa, como a mamãe e o papai sempre visionaram, Sara e Abraão” (p.83). Essa narrativa, de certa forma, também é um ponto central e diferenciado no romance, pois é a única que retrata a vida como um milagre.

Da infância à adolescência, a história seguinte reapresenta a mediocridade de uma vida e a constante violência urbana. No fundo da lojinha atulhada de roupas de malha, a moça do caixa sobressai-se pela obesidade precoce, fruto de sua vida sedentária. Em sua inútil tentativa de *Regime*, come o terceiro cachorro-quente, mas bebe também uma latinha de Coca-Cola light. A moça de dezessete anos “agora resolvera começar um regime daqueles!, passou dinheiro para uma colega, ela conhece uma farmácia em Itaquera que vende tarja-preta sem receita” (p.84). Não tem a mesma destreza para passar o dinheiro para o assaltante que invade a loja, “se cala um ganido a falta de ar o gatilho plec” (p.85). É assassinada.

Além do trânsito caótico e da desigualdade social na grande metrópole, o preconceito racial é desmascarado através da memória que tenta resgatar *Onde estávamos há cem anos?* No conforto de seu Honda Civic, no meio de um engarrafamento, o motorista observa a “cidadela irresgatável, lá fora o mundo, calor, poluição, tensão, corre-corre. Meninos esfarrapados, imundos, escorrem água nos pára-brisas dos carros [...] Meninas esfarrapadas, imundas, carregam bebês alugados esfarrapados, imundos” (p.86). O homem relembra a viagem que fez com a esposa para a Itália e recupera referências dos avôs italianos que há cem anos conheceram-se numa festa no Brás. Ao transpor-se do labirinto de avenidas congestionadas para os labirintos de acesso livre da memória, tenta recuperar a afirmação da própria identidade. Desvia sua atenção das silhuetas esfarrapadas e imundas e, através da reconstrução de uma memória familiar, busca sua unicidade em um mundo que se opõe a isso, que impõe processos de fragmentação dos indivíduos e das relações sociais.

A memória pessoal é afetada pela subjetividade emotiva. A memória do passado é remodelada a partir da imagem que o indivíduo tem de si no presente. A personagem também renega parte de sua identidade, através do desprezo a alguns registros de sua memória. “)O avô materno, um bigodudo trasmontano [...] A avó, bugra de não falar língua de gente, de se esconder debaixo da cama, ninguém sabia onde a haviam laçado. A mãe de Henrique nasceu desse desencontro.” (p.88). A consolidação de sua identidade também está fundamentada em uma autoafirmação nas relações de alteridade, em que as diferenças são ressaltadas e hierarquizadas em valor. Assim, o discurso sobre o outro é coercitivo e se institui como estratégia de poder que estabelece um valor depreciativo para o outro.

No *Táxi* que enfrenta o mesmo congestionamento do caótico trânsito paulistano, o motorista espanta a solidão ao falar, deliberadamente e incessantemente, com o calado passageiro que se obriga a escutá-lo. Entre muitas banalidades cotidianas e memórias evocadas do passado, destacam-se os relatos sobre sua vinda para São Paulo em um pau-de-arara e sobre as viagens com a família para sua terra natal, no interior de Sergipe. A personagem declara que “posso reclamar não. São Paulo, uma mãe pra mim” (p.91). Logo a seguir, contradiz-se ao comentar a situação de desemprego geral e a necessidade de trabalhar, mesmo depois de aposentado.

Na perspectiva desse homem que migra e que pensa em regressar, tanto a partida quanto uma possível volta instauram uma sensação de deslocamento. O migrante que chega à cidade é um viajante semelhante a Ulisses. Sempre pensa na volta. A memória da terra natal estimula o desejo de retorno. É um indivíduo deslocado no centro urbano, que tem compulsão pela errância, pelo desenraizamento, mas também tem desejo pela fixação, pelo retorno ao

chão natal, em busca da própria identidade. O regresso surge como um rumo, como um reencontro. Retornar é um desejo de ver de novo e também de nascer de novo. Os relatos da personagem são tentativas angustiadas de preservação de sua identidade, de suas experiências e de um espaço referencial de felicidade e segurança. Deslocado na grande cidade, tenta, sem sucesso, integrar-se completamente ao mundo urbano. Também não conseguirá mais se reintegrar à realidade do lugar de onde veio.

As meninas nunca mais voltaram lá... Eu fico triste, não vou mentir pro senhor não. Afinal, é a terra da gente. Mas eu entendo. Não sou ignorante não. Elas não têm nada a ver com aquele buraco lá. Pra falar a verdade, nem eu tenho mais a ver com aquilo. A maioria dos meus colegas de infância, do pessoal que eu conhecia, não mora mais lá. Os velhos morreram todos. A única coisa que resta é a memória da gente, mas o quê que é a memória da gente?
(RUFFATO, 2007, p.92)

Na representação da cidade moderna no romance de Luiz Ruffato, o final de tarde paulistano torna-se tempo e espaço da memória. O conflito entre o fascínio pela novidade moderna e o *Gaavá (Orgulho)* pelo pertencimento a uma tradição cultural é apresentado no desacerto entre duas gerações de etnia judaica. A filha é uma jovem roqueira de visual irreverente. O pai, quando jovem, era fã dos Beatles e adepto de movimentos de contracultura. Relembra sua juventude a partir da filha e orgulha-se dela. A mãe, ao contrário, recebeu uma educação tradicional e tem muitas dificuldades para aceitar as posturas e comportamentos da moça.

A mãe procura preservar a memória de índole parcial e normativa que integra os indivíduos a uma comunidade de aprendizagens e recordações (ASSMANN, 2008, p.39), denominada de memória vinculante. O atrito com a filha revela o conflito entre essa memória fixa e os influxos dinâmicos da memória cultural. Ao construir-se e reconstruir-se numa dinâmica própria que ultrapassa limites de tempo e espaço,

[...] la memoria cultural permite que el individuo disponga libremente de las existencias mnemónicas y tenga la oportunidad de orientarse por sí solo en la vastedad de los espacios del recuerdo. En ciertas circunstancias, la memoria cultural libera de las coerciones de la memoria vinculante.
(ASSMANN, 2008, p.40)

Por seu caráter pluralista e por sua construção diacrônica, a memória cultural permanece aberta para a transferência de saberes da tradição, mas também para a revelação dum horizonte de novos saberes. Cada indivíduo participante de uma coletividade que recorda e constrói cultura também é formado a partir dessas memórias. Cada sujeito recorda para pertencer a esse coletivo social (ASSMANN, 2008, p.24) e pode contribuir na renovação da memória cultural e na abertura de espaços para que se contemple novos saberes (ASSMANN, 2008, p.47).

O marido desempregado mora com os sogros. Não encontra *Trabalho* e constantemente é criticado e humilhado pela mulher, pelos familiares da esposa e pelos vizinhos. Para fugir dos encontros familiares dos finais de semana, “rouba uns trocados da bolsa da esposa e sai de fininho, o dia inteiro bundando no Parque Ibirapuera, deitado na grama olhando o jato d’água em frente à Assembléia Legislativa” (p.99). São sempre a mesma trajetória restrita e o mesmo lugar que se repetem na fuga da personagem à procura de um lugar que lhe dê paz. Perambula sem perspectivas de buscar novos rumos, sem nunca encontrar esse local. Na sociedade e na cidade modernas, não há mais esse lugar idealizado de paz.

7 Crepúsculo

Outro momento central da representação da cidade em *Eles eram muitos cavalos* é apresentado numa *Vista parcial da cidade*. Dentro do ônibus, a senhora idosa, assustada com o trânsito caótico, lembra da vida no campo. A adolescente, de tão cansada, não percebe que “migalhas de seus sonhos esparramam-se sobre os ombros da velha” (p.100). O homem, em pé, cochila e desperta e cochila e desperta e sempre, à mente, as contas a pagar. É um vigilante em constante vigília, num estado intermediário entre estar acordado e sonhar. Lá fora,

carros e carros
mendigos vendedores meninos meninas
carros e carros
assaltantes ladrões prostitutas traficantes
carros e carros
mais um dia
terça-feira
fim de semana longe
as luzes dos postes dos carros dos painéis eletrônicos dos ônibus
e tudo tem a cor cansada
e os corpos mais cansados
mais cansados
a batata das minhas pernas dói minha cabeça dói e
(RUFFATO, 2007, p.101)

Sujeitos incompletos, em completa solidão. O crepúsculo os abate com a pior das solidões: a invisibilidade junto aos outros, a indiferença e a insignificância na absoluta dissolução na massificação humana. Resta o cansaço, o mal-estar, a perda de sentido e de humanidade ao final do dia no corpo orgânico artificial e opressor do modelo de cidade do capitalismo moderno.

Esse imaginário do espaço urbano como lugar de dissolução do sujeito e de toda a humanidade que nele possa existir, que se materializa no mal-estar, garantiu a sua presença ao longo de todo o século XX, definindo o que Bueno nomeia como uma linha estrutural de crítica à civilização urbana criada pelo capitalismo. O mal-estar que advém da experiência urbana afeta as artes como um todo [...]. A narrativa contemporânea apresenta diversos personagens ligados a uma “experiência complexa e contraditória”. Conforme lembra Bueno, trata-se, de maneira muito característica, “de personagens cindidos, com tons variados de estranhamento, em relação a si mesmos e à sociedade urbana em que vivem, onde circulam quase como estrangeiros, como exilados, alheios a seu próprio cotidiano”. Esses problemas não são problemas que a forma literária pudesse refletir com facilidade ou de forma direta e sem maiores complicações. Para Bueno, refere-se à vida cotidiana na cidade e na metrópole como lugar estabelecido de estruturação de opacidades, “de sinais que estabelecem comunicação difícil e distorcida, não cabendo à forma literária tornar esse lugar legível e transparente, confortável e pacificado”. (LIMA, 2000, p.13)

A vista parcial da cidade no crepúsculo revela que a cidade é esse lugar ilegível, não-transparente, desconfortável e sem paz, o lugar estabelecido de estruturação de opacidades, de comunicações difíceis e distorcidas, de solidão, de dissolução, de indiferença e de invisibilidade. A cidade é o espaço humano da modernidade e a multidão é a matéria viva que o ocupa. É nesse contexto que o conceito de modernidade adquiriu sentido de fluidez e transitoriedade, a partir da integração entre os novos espaços urbanos e as massas humanas que os ocupam à medida que os constroem. Esse é “um dos fatos mais marcantes da vida moderna: a fusão de suas forças materiais e espirituais, a interdependência entre o indivíduo e o ambiente moderno” (BERMAN, 1986, p.151).

8 Noite

A noite da cidade é corrupta. *O prefeito não gosta que lhe olhem nos olhos*, pois se sente afrontado e acusado. O olhar não se sustenta quando aflora a consciência da hipocrisia e da corruptibilidade, que são representadas como traços característicos do político brasileiro.

Competência para o crime, na política ou na delinquência, desponta nessas trevas noturnas. *O “Crânio”* é um rapaz negro da favela, inteligente, autodidata e intelectualizado. Compreende sua condição racial e social e sabe que a desigualdade e luta entre as classes sociais são as fontes da criminalidade e da violência urbanas. Crânio é a força velada e a ameaça concreta de uma violenta revolução social. Conforme o relato do narrador-personagem, o assaltante, traficante e assassino que é seu irmão e admirador,

ele vai e fica falando que a gente somos otários
dá a cara pra bater vendendo coca a polícia fungando nas costas
logo logo vocês dançam ele diz
e o bacana da mansão do morumbi
que controla de verdade a muamba
está lá cada vez mais rico filhos estudando no estrangeiro
carro importado blindado na porta segurança

mordomo babá jardineiro copeira cozinheira arrumadeira
os homens comprados na palma da mão
e a gente feito mosca pousada na bosta
[...]
porque ele fala seus babacas os ricos não estão nas ruas
estão lá no alto em helicópteros
cagando de rir de mim de você aqui embaixo se matando
o crânio é revoltado
por ele a gente pegava os trabucos ia fazer uma revolução
[...]
o crânio é foda
(RUFFATO 2007, p.106-107)

A noite da cidade é angustiante. A mulher solitária lembra a infância na região de colonização italiana no Rio Grande do Sul. O vento *Minuano*, que move suas recordações, não arrasta as nuvens negras e pesadas que pairam sobre sua alma e seu corpo bêbado, desolado, atirado ao chão. Nesse quadro de desespero, melancolia e sensação de deslocamento, ela busca um centro de consciência de si própria através de um retorno, pela memória, a fatos pessoais do passado. Busca sua unicidade em um mundo hostil que fragmenta e adocece os indivíduos.

A narração das memórias de sua infância estabelece uma relação de espelhamento duplo com a narrativa da infância anteriormente apresentada em *A menina*. No entanto, se a narrativa antecedente pode ser reconhecida como um oásis de esperança no romance, aqui a esperança infantil desvanece e se transforma em desesperança e depressão da mulher já adulta que “jogada no chão quase bêbada desesperadamente reconhece mas meu deus como deixara escapar aquela felicidade em que momento da vida ela tinha se esfarelado em suas mãos em que lugar fora esquecida quando meu deus quando” (p.110).

Seguem excertos que explicitam esse duplo espelhamento, em *A menina*

Oito anos tem a menina, vivazes olhos betuminosos e duas longas tranças negras, penelopemente entrelaçadas pela mãe antes de ir para o serviço, nos primeiros barulhos do dia. Os cordames, grossos e crespos, fiam-se em duas largas fitas de cetim vermelho, que ela ostenta espigada.
[...] Quando caminha, seu pequeno corpo intuitivamente reconstrói o tempo à sua volta, ciente apossa-se da sua quadra no mundo.
[...]
Companheira, lava a louça do café-da-manhã antes de pegar o ônibus que a deixa na escola, onde cursa a segunda série, vinte minutos espremida ao alcance dos olhos do motorista, que a conhece e protege.
(RUFFATO, 2007, p.81-82)

E em *Minuano*:

a menina pisou com cuidado a sandália-de-couro novinha no chão de orvalho congelado os pés enrodilhados por meias cinzas esburacadas o embornal cheio de cadernos as letras caprichadíssimas a professora uma italianona abrutalhada mas muito boa ela sempre passava a mão na cabeça da menina e pulou para dentro da carroça tracionada por um pequeno e barulhento trator que levava a gurizada para a escola rural ia todo mundo chacoalhando

tiritando de frio pulando que nem cabrito sempre rindo sempre rindo era junho e as manhãs azulíssimas e a menina orgulhosa de suas tranças negras exibía seus olhos também azulíssimos pelos campos de soja e era feliz porque seu pai estava na roça com seus dois irmãos mais velhos a safra deste ano ia ser boa [...] e ela balançando de um lado para o outro sobre a carroça desfilava radiante seus olhos azulíssimos pela verde extensão das coxilhas e era plena em sua felicidade a felicidade que temos aos sete anos [...]
(RUFFATO, 2007, p.109-110)

Na *Carta* que a mãe escreveu ao filho, são retomadas questões relacionadas à desagregação familiar e ao distanciamento humano. A carta, no entanto, não representa uma tentativa de reaproximação tão forte quanto à vinda da outra *Mãe* até São Paulo. Na correspondência, a mãe exagera nas queixas sobre a saúde dela e do marido, numa sutil reclamação do desinteresse do filho pelos pais que revela a dificuldade em restabelecer laços afetivos. O medo da morte e a tristeza pela ausência do filho somam-se ao remorso e ao constrangimento por algum desentendimento que produziu esse afastamento.

Aqui graças a Deus vai indo tudo bem. O seu pai é que anda acamado por causa de que outro dia estrepou o pé num toco que estava enterrado no meio da vargem. E você sabe o quanto seu pai é teimoso. O cabeça-dura não queria ir no posto de saúde mas aí o pé pegou a inchar, quase deu tétano. Aí ele foi muito a contragosto e agora está deitado, o pé deste tamanho, vermelho que só vendo...

[...]

Tem feito muito frio aí? Aqui a noite já anda exigindo uma cobertinha. Você lembra como eu passava mal nessa época do ano, quase morria? Pois não mudou nada. Quando a tarde vem caindo e sobe aquele poeirão amarelo começa a aflição do nariz entupido, a falta de ar, a sufocação e parece que esta vez é a última, aí meu filho não desejo esse estupor pra ninguém, nem pro pior inimigo. Você tem se agasalhado direitinho? O médico mandou fazer inalação, mas, e dinheiro pra aviar a receita? Tudo pela hora da morte.

[...] Seu pai está tão velhinho. Um dia desses Deus que me perdoe ele pode faltar, Paulino. A gente nunca sabe.

[...]

Às vezes quando vou deitar começo a pensar em você, meu filho, que saiu de dentro de mim, que já passou por tantas coisas nessa vida só Deus sabe e não me conformo com esse desentendimento, essa distância. Eu sinto assim uma abertura no coração, uma coisa esquisita. Eu sei que é bobagem de mãe, desculpa filho por estar te aborrecendo. Você não merece isso.

O Veludo coitado está tão velhinho. Está cego do olho esquerdo, sempre remelento. E não agüenta mais andar atrás da gente. Fica só deitado num cantinho do quintal perto das margaridas dormindo, e a gente tem que ir lá levar o resto dos pratos e a água. Dá uma pena. Mas é a velhice. Todos vamos ter que passar por isso um dia.

(RUFFATO, 2007, p.111-112)

A noite da cidade também é promíscua. Na *Política*, os bastidores do poder revelam um mundo de corrupção, vícios, hipocrisia e devassidão. Na suíte presidencial de um luxuoso hotel, o deputado *voyeur*, rico fazendeiro de setenta anos de idade, promove orgias com michês, prostitutas, drogas e bebidas alcoólicas.

O dinheiro público desperdiçado pelo deputado pervertido faz falta na saúde pública e no hospital em que o médico, *De branco*, enfrenta o dilema ético de socorrer ou não ao assaltante ferido que, tempos atrás, invadiu seu lar e ameaçou matar sua esposa e seu filhinho. O trauma reprimido e a tensão constante no exercício da profissão em condições tão precárias

deixam-no descontrolado: “E eu não vou salvar ele não, cara, não vou mesmo! Não vou mexer uma palha pra salvar ele... Ele quase fodeu a minha vida, cara, quase fodeu... Eu não vou operar ele não, estão me ouvindo? Não vou operar ele não!” (p.117). Em pauta, a suspensão de valores éticos por motivações individuais, que tanto tem sido propalada e defendida. O próprio ordenamento jurídico constituído pelo poder soberano que controla as vidas e os corpos humanos institui estados de exceção, nos quais se determina quando e contra quem as leis vigoram ou deixam de vigorar.

A solução do problema depende na verdade, segundo Binding, da resposta que se dá à pergunta: “existem vidas humanas que perderam a tal ponto a qualidade de bem jurídico, que a sua continuidade, tanto para o portador da vida como para a sociedade, perdeu permanentemente todo o valor?” (AGAMBEN, 2007, p.144)

Esse modelo de poder que define juridicamente quais vidas merecem ou não ser preservadas é representado pela personagem e pela justificação de um poder legitimado que determina a “fixação de um limiar além do qual a vida cessa de ter valor jurídico e pode, portanto, ser morta sem que se cometa homicídio” (AGAMBEN, 2007, p.146). Mas como avaliar se esse critério que decide a morte de um para preservar a vida de outros contempla a ética e a vida em todas as suas instâncias?

No *Tetrálogo* entre os dois casais de classe média alta, no bar da casa de *swing* ou troca de parceiros, os temas corrupção, sonegação e violência são aperitivos para estabelecer intimidades preliminares ao ato sexual. A sexualidade torna-se valor predominante nas relações humanas, mas esvaziada de pureza, de fidelidade, de afeto e de amor. O amor é substituído pelo ardor sexual, que se busca ansiosamente aplacar ou realizar. Esse hedonismo é parte do amplo quadro de insatisfação humana na modernidade, em que a sexualidade tornou-se banalizada e as relações afetivas e sexuais são cada vez mais casuais e descartáveis.

A promiscuidade globalizou-se *Via internet*. Numa conversa com um amigo, o homem comenta que, do computador de seu quarto, já conquistou inúmeras amantes em salas de conversação e, com muitas delas, consumou o encontro físico e a relação sexual. A tecnologia moderna torna-se instrumento poderoso para promover a promiscuidade, a superficialidade dos envoltivos afetivos e sexuais e os desvios de comportamento. Confirma-se a citação de Engels, apresentada por Walter Benjamin (1985, p.85): “A brutal indiferença, o insensível isolamento de cada indivíduo em seus interesses privados surgem de modo tanto mais nojento e assustador quanto mais estes indivíduos estão espremidos num espaço diminuto”.

Evidentemente, a noite da cidade também é violenta. Em *Slow motion*, o futebol é apresentado como instrumento de catarse coletiva, mas não pela suscitação de terror e

piedade. O futebol, enquanto atividade esportiva competitiva e promotora de rivalidades, adquire poder justificador da violência potencializada como arma contra a violência realizada. Torcedores que reconhecem um assaltante no meio da torcida cercam-no, como a defesa de um time cerca o atacante da equipe adversária, e o ameaçam com violência: “Depois, a gente leva ele pruma quebrada e enfia um cabo de vassoura no rabo dele” (p.125).

Novamente Agamben ilumina a reflexão sobre a instituição da violência como poder regulador e soberano na sociedade moderna. A atitude das personagens representa o estado de exceção do ordenamento jurídico. A exceção é a aplicação de uma regra que se exime do ordenamento jurídico. Sua lógica de soberania é colocar-se acima e fora da lei, instituir e ultrapassar o ordenamento jurídico. Dessa maneira, o auge da soberania está na suspensão da regra, na decisão sobre o estado de exceção. Os indivíduos tendem a se sujeitar e também a impor o mesmo tipo de poder soberano. Assim, o estado de exceção pode estipular a condenação e punição da violência com mais violência. Violência torna-se crime e castigo, transgressão e reparação. A violência-crime torna-se violência-justiça. O poder soberano é o poder de decisão que define a violência como transgressão da lei ou como aplicação da força da lei, ou seja, que promulga a justificação da violência. Tal poder, a partir da “coincidência de violência e direito que constitui a tirania” (AGAMBEN, 2007, p.40), de certa forma é sempre, também, tirano.

Em busca do lugar seguro que permita uma vida mais plena, sem compreender que na sociedade e na cidade modernas não existe esse lugar idealizado de segurança e plenitude, ele ruma para *Newark, Newark*. Não fala inglês e parte sem projetos definidos. Apenas tem um amigo como referência no país estrangeiro. As instituições desestruturadas, as situações caóticas e sua trajetória de vida sem perspectivas reforçam sua decisão: “choramingar por esse paiseco de merda?, povinho conformado, elite sacana, corrupção, politicalha, bandalheira, filhadaputice, corneagem, putaria... Ah, não!, chega!, seja o que deus quiser...” (p.127).

Assim que o avião decola, sente vontade de ficar. Também é um indivíduo deslocado, que tem compulsão pela errância e pelo desenraizamento, mas também tem desejo pela fixação, assim como um *flâuner*, “alguém que não se sente seguro em sua própria sociedade. Por isso é que ele procura a multidão; [...] ele se esconde nela” (BENJAMIN, 1985, p.76). Na realidade, foge da estranha sensação de sentir-se estrangeiro em sua própria cidade com a paradoxal e falsa expectativa de reconhecer-se cidadão em uma cidade estrangeira. Busca algum tipo de identificação com o mundo, mas tem a sensação de rumar para nenhum lugar.

Malabares retrata a mesma falta de perspectivas. Para a jovem garota de programas, a prostituição é a melhor alternativa de ascensão social. Sujeita à degradação e à violência,

lembra sempre de uma noite inesquecível com um cliente gentil, um perfeito cavalheiro, o homem e os lugares de seus sonhos.

[...] sempre que coisas ruins me acontecem, quando me sacaneiam, como agora, por exemplo, que este filho-da-puta me trouxe pra um motel e quer porque quer que eu dê pra ele e pros dois amigos de uma vez só, pinto na boca, pinto na buceta, pinto no cu, pensam que sou, meu deus, o quê?, se eu não fizer o que eles mandam vão me encher de porrada, já estão doidos, cheiraram cocaína e beberam uísque, o sacana me deu um tapa na cara, cortou meu lábio, agora não vai ter mais jeito, vão me currar, e sempre que acontece uma coisa ruim eu lembro daquele dia [...]
(RUFFATO, 2007, p.129)

Humilhação e violência também são as formas de sobrevivência do boxeador pago para ir à *Nocaute*. Utilizará parte do cachê para comprar coisas que lhe são normalmente inacessíveis: iogurtes, chicletes e bombons para os meninos, um Martini, um Natu Nobilis e cervejas para os adultos. Festa garantida para comemorar sua derrota!

Já é *Noite*. A adolescente, faminta desde a manhã, aceita o convite do homem para lanchar no Habib's. Vende dropes nas ruas, mas também aceitaria vender o corpo. Ele não sente desejo. Vagueia pela noite com o fardo do remorso.

Da última vez que brigaram, ele já nem lembrava o motivo, irrelevante diante de tão repetidos desentendimentos. Finalmente saiu de casa. Agora, no quatinho de hotel, não sente alívio, nem remorso, nem raiva, mas um pouco de saudade. Saudade da rotina familiar, da opressão dessa mediocridade cotidiana que havia destruído o amor.

Em *Nosso encontro*, uma série de desencontros, frustrações e crises pessoais é posta à mesa. No reencontro anual pactuado entre os antigos amigos, sempre no mesmo dia e lugar, as tentativas de reaproximação, de afirmação de identidades e de uma pretensa unidade são sabotadas pelo fluxo do tempo. A cada ano se reconhecem menos. Os jovens que foram e os sonhos do passado não existem mais.

Na delegacia de polícia, o vigilante depõe e explica que os vândalos haviam derrubado os *Engradados* de madeira que seriam embarcados e que fez “o que mandaram eu fazer quando acontecesse alguma coisa errada, quando visse alguma coisa estranha...” (p.143). Um dos baderneiros foi atingido com um tiro no olho. Violência contra violência, que se justifica pela defesa do bem maior: a mercadoria. Violência da modernidade legitimada pelo ordenamento daqueles que controlam os parâmetros de justiça e que detêm as propriedades e o poder.

Ao voltar da delegacia, o zelador perambula pela *Rua*, sem esperança. Volta ao prédio onde morava e trabalhava e recorda toda uma vida de trabalho. Foi colocado na rua, demitido por fazer também o que o mandaram fazer quando acontecesse alguma coisa errada, quando

visse alguma coisa estranha. O síndico havia determinado a proibição da entrada de um homem inconveniente e baderneiro, namorado de um morador. Apesar da polidez com que foi tratado pelo funcionário, o casal homossexual humilha e espanca o zelador. Prevalece o interesse do proprietário. O ordenamento é revogado e a vítima da violência, o trabalhador de uma vida inteira, é punido com a demissão. Ao buscar a defesa de seus direitos, “o delegado avisou, Vai dar em nada, o rapaz é de família tem dinheiro. E nenhuma testemunha a seu favor, nenhuma” (p.150).

O dia termina. O sono não vem. A *Insônia* dá vazão ao fluxo de consciência abarrotado de medos, preocupações, traumas e tensões. Lá fora, a cidade insone não pára, não descansa. Aqui dentro, no quarto, o homem pára, mas não descansa e não sonha.

O casal escuta os gemidos. Facada? Uma armadilha preparada por assaltantes? Fingem que não escutam, tentam dormir. Tentam controlar o medo à flor da pele na cidade em que a violência é um prato diário. Nem imaginam que o vizinho jantou num restaurante, que o *Cardápio* era excelente, que a refeição estava ótima, mas que a digestão não foi boa.

Apagam a luz e tentam dormir. Já não buscam um lugar de sonhos, mas almejam apenas uma noite de sono. Querem apenas ignorar a cidade, assim como ela os ignora. Querem esquecer essa cidade sentida “como mundo desencantado e sem coração, [...] onde prosperam a perda de sentido e de humanidade” (BUENO, 2000, p.90). Emparedados no quarto escuro, cercados por paredes de solidão e medo, não olham para o teto, não querem portas e nem janelas. Querem apenas um pouco de paz na cidade de sonho, feita de lembranças e ilusões. A cidade que não muda, que não massacra, que não destrói. Talvez, como Ítalo Calvino, sonhem com a cidade invisível, a cidade da memória, a cidade do céu... com uma cidade que já parece inverossímil como representação de cidade no romance moderno.

9 O herói perdido na cidade moderna

Lukács define que a obra de arte é representativa da sociedade da qual emana e que o gênero literário romance é a forma típica de expressão da sociedade burguesa. O romance retrata a sociedade e o indivíduo modernos: sociedade com estrutura coletiva organizada pelo capital e indivíduo com estrutura psíquica desorganizada pela visão desagregadora e egocêntrica. O romance retrata o conflito da “oposição aparente entre indivíduo e sociedade. Conseqüentemente, o conteúdo do romance [...] é determinado como combate na sociedade” (LUKÁCS, 1981, p.179).

O herói romanesco, anti-herói e sujeito degradado, torna-se um emblema de herói da modernidade. Percorrer e decifrar os labirintos da cidade é o desafio desse herói moderno, que pode ser um indivíduo ou pode ser a multidão. Quando o herói é a multidão, os indivíduos diluem-se nela. Quando o herói é um indivíduo, ele se afasta ou combate contra a multidão, luta para sobreviver a cada dia com a consciência da fragilidade de sua existência, nas “situações de conflito que permeiam a vida cotidiana no mundo moderno” (BERMAN, 1986, p.164). Esse “herói é o verdadeiro sujeito da *modernité*. Isso significa que, para viver a modernidade, é preciso uma postura heróica” (BENJAMIN, 1985, p.98).

Também é um herói marginalizado. Vive às margens da sociedade e nos limites periféricos da cidade. É uma espécie de proletário heroicizado, um herói explorado. Nele se “sobrepõem as imagens do herói e do escravo, do poeta e do trabalhador explorado, todos eles lutadores sem perspectivas” (BOLLE, 2000, p.84). Busca valores autênticos numa sociedade degradada. Luta contra e por essa sociedade, para sobreviver e para transformá-la. Esse anti-herói ou herói perdido sofre e luta contra si mesmo, contra os outros e contra o mundo que “tornou-se infinitamente grande e, em cada recanto, mais rico em dádivas e perigos” (LUKÁCS, 2000, p.31).

De fato, “o herói moderno não é um herói: apenas representa o papel de herói. A modernidade heróica mostra ser uma tragédia em que o papel de herói está vago” (BENJAMIN, 1985, p.119). Teseu morreu ou perdeu-se, para sempre, nos labirintos de pedras e de pensamentos da cidade moderna.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I*. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- ASSMANN, Jan. *Religión y memoria cultural*. Tradução de Marcelo G. Burello e Karen Saban. Buenos Aires: Lilmod & Libros de la Araucaria, 2008.
- BARCELLOS, Gustavo. Prefácio: psicanálise das geladeiras e cinzeiros? In: HILLMAN, James. *Cidade & alma*. Tradução de Gustavo Barcellos e Lúcia Rosenberg. São Paulo: Studio Nobel, 1993. p.7-8.
- BENJAMIN, Walter. *Sociologia*. Tradução de Flávio R. Kothe. São Paulo: Ática, 1985. (Coleção grandes cientistas sociais).
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das letras, 1986.
- BOLLE, Willi. *Fisiognomia da metrópole moderna*. São Paulo: EDUSP, 2000.
- BUENO, André. Sinais da cidade: forma literária e vida cotidiana. In: LIMA, Rogério & FERNANDES, Ronaldo Costa (Orgs.) *O imaginário da cidade*. Brasília/São Paulo: UNB/Imprensa oficial do estado, 2000. p.89-110.
- CANDIDO, Antonio. *O discurso e a cidade*. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas cidades/Ouro sobre azul, 2004.
- HILLMAN, James. *Cidade & alma*. Tradução de Gustavo Barcellos e Lúcia Rosenberg. São Paulo: Studio Nobel, 1993.
- LIMA, Rogério & FERNANDES, Ronaldo Costa (Orgs.) *O imaginário da cidade*. Brasília / São Paulo: UNB / Imprensa oficial do estado, 2000.
- LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance*. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas cidades/Editora 34, 2000.
- _____. *Sociologia*. Tradução de José Paulo Neto. São Paulo: Ática, 1981. (Coleção grandes cientistas sociais).
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano*. Porto Alegre: UFRGS, 1999.
- RUFFATO, Luiz. *Eles eram muitos cavalos*. Rio de Janeiro: Record, 2007.